



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
CURSO DE PSICOLOGIA

ADRIELLY ROGÉRIO DA ROCHA
FELIPE DE ALMEIDA COSTA

O TRANSHUMANISMO HUXLENIANO

MACEIÓ

2021

ADRIELLY ROGÉRIO DA ROCHA
FELIPE DE ALMEIDA COSTA

O TRANSHUMANISMO HUXLENIANO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como critério de nota no
curso de Psicologia da Universidade
Federal de Alagoas.

MACEIÓ
2021

O TRANSHUMANISMO HUXLENIANO

Autores:

Adrielly Rogério da Rocha

Felipe de Almeida Costa

RESUMO: Neste artigo propomos um diálogo entre o livro *Admirável Mundo Novo*, publicado em 1932 por Aldous Huxley e o capítulo *Transhumanism* do livro *New Bottles for New Wine* de Julian Huxley, publicado pela primeira vez em 1950. Destacam-se os aspectos de melhoramento e ampliação das capacidades humanas, temas caros ao transhumanismo. Utilizamos a leitura próxima e atenta, o “*Close Reading*”, que tem como principal objetivo uma leitura próxima, densa, linha por linha, e utilizando somente do texto como objeto de estudo. Apesar de trabalhar temas próximos como questões evolutivas e de melhoramento, os autores possuem visões diferentes sobre os temas. A constante crítica entre a massificação perante o avanço tecnológico e a luta pela individualidade são temas preciosos para Aldous. Diferentemente do irmão, Julian defende que a humanidade vive um momento onde superará a evolução darwinista, e irá evoluir por conta própria, transcendendo-a.

Palavras chave: Transhumanismo; Literatura; Ficção Científica.

INTRODUÇÃO

Aldous Huxley lançou em 1932 o livro *Admirável Mundo Novo*, uma das obras mais importantes do Séc. XX e fundamental no gênero da ficção científica. Ao imaginar uma Londres centenas de anos à frente do nosso tempo, o autor utiliza-se de conceitos psicológicos e experimentos biotecnológicos já discutidos pelo meio científico da época. A manipulação dos genomas humanos, melhoramento e reprodução fora do útero feminino são alguns dos temas apresentados e discutidos no livro.

A literatura de ficção científica se tornou, através dos tempos, um importante meio para que ideias e discussões envolvendo as possibilidades de avanço da humanidade sejam registradas. Rüdiger (2008) aponta que as obras de ficção científica produzem encanto nas pessoas porque, através da leitura, podemos vivenciar o que poderia acontecer à humanidade e especularmos sobre os rumos que a civilização pode tomar. O cinema, os livros, as histórias em quadrinhos e outras formas nas quais o gênero se apresenta, servem para produzir um efeito de “choque de realidade” naqueles que consomem as obras.

A possibilidade de se explorar as capacidades humanas através de meios científicos já existe há bastante tempo. Porém, Julian Huxley aponta que a exploração das capacidades ainda não passa de vislumbres, visto que o mapeamento dessas possibilidades deveria ser mais estimulado na humanidade. O autor usa constantemente da comparação do cada vez mais completo mapeamento geográfico do planeta (existindo já em sua época pouquíssima área não conhecida pela humanidade) com a proposta de um mapeamento semelhante a nível de completude para as capacidades humanas. Explorar essas capacidades trará benefícios para a nossa evolução constante, e impactará positivamente para com a natureza, visto que graças ao potencial desenvolvimento da humanidade, desastres, pobreza, riscos de morte por doenças que no momento são incuráveis poderiam facilmente ser erradicadas através de um projeto científico no qual o homem é o principal responsável pela evolução. (HUXLEY, 1957).

No capítulo intitulado *Transhumanism* de seu livro *New Bottles for New Wine* publicado em 1957, Julian Huxley sintetiza boa parte de suas ideias

publicadas em anos anteriores. Argumenta que a humanidade vive em um momento histórico especial, em que os conhecimentos técnicos e científicos nos permitem ter autonomia em relação à natureza e à própria evolução da espécie. A partir dessa autonomia frente à natureza, os seres humanos poderiam aproveitar seu potencial ao máximo e buscar estilos de vida melhores e mais completos, proporcionando grandes possibilidades e longevidade. Uma vez que temos esse potencial, a realização de uma vida melhor para todos seria uma obrigação moral e um objetivo ao qual devemos almejar. Huxley (1957, p. 76) arremata: "Nós precisamos de um nome para essa nova crença. Talvez transhumanismo servirá: homem continuando homem, mas transcendendo a si mesmo pela realização de novas possibilidades de e para sua natureza humana".

Julian e Aldous pertencem a uma família composta por diversos intelectuais britânicos, são filhos de Thomas Henry Huxley, colega e apoiador de Charles Darwin. Julian, biólogo e progressista, era conhecido por obras de divulgação científica na área da biologia evolutiva. A UNESCO foi criada partindo de uma filosofia baseada no objetivo de paz e segurança no mundo através da educação, ciência e cultura. Tendo como base o evolucionismo, considerando o progresso como central. (LANG, 2017).

Os irmãos, através de diferentes áreas do conhecimento, um na literatura e o outro na ciência, apostam em um futuro em que a humanidade vai transcender a si mesma. A evolução do homem e da natureza nesse momento especial, depende única e exclusivamente do avanço das capacidades humanas. Caracterizado, para Julian Huxley (1957) como um dever moral da espécie humana: evoluir e trazer cada vez mais avanços e bem estar para todos os seres vivos. Porém, Aldous Huxley em *Admirável Mundo Novo* (2014), remetendo a Shakespeare no título do livro, remonta a uma discussão sobre massificação x individualidades e o retorno ao convívio com a natureza, temas abordados com mais detalhes em seu livro *Retorno ao Admirável Mundo Novo* (2000) e posteriormente em *A Ilha*, último romance publicado pelo autor ainda em vida, em 1962.

Este artigo tem como objetivo um diálogo através de uma leitura próxima e atenta do transhumanismo segundo Julian Huxley e de seu irmão Aldous Huxley a partir da leitura de sua maior obra: *Admirável Mundo Novo* (2014), destacando as questões de melhoramento humano e ampliação das capacidades humanas, temas abordados sob perspectivas diferentes entre os autores.

METODOLOGIA

O método utilizado para a construção deste artigo é de uma leitura próxima e atenta. O chamado *Close Reading*, que tem como proposta de acordo com Prose (2008), uma leitura próxima, atenta, densa, de linha a linha. Utilizando única e exclusivamente o texto como fonte de leitura e analisando a forma de fazer e desenvolver o texto proposto pelo autor escolhido. A autora acrescenta: “Uma obra de arte pode nos levar a pensar sobre algum problema estético ou filosófico, pode sugerir algum novo método, alguma nova abordagem à ficção.” (PROSE, 2008. p.21).

Diante disso, usamos uma leitura próxima e atenta do livro *Admirável Mundo Novo*, publicado pela primeira vez em 1931 por Aldous Huxley. Em seguida, utilizamos do capítulo *Transhumanism*, encontrado no livro *New Bottles for New Wine*, publicado pela primeira vez em 1950, por Julian Huxley. Destacam-se, no presente artigo, os temas de melhoramento e ampliação das capacidades humanas, temas caros e centrais nas ideias transhumanistas. A partir desses temas, apresentamos um diálogo das ideias transhumanistas de Julian Huxley com trechos e referências no livro *Admirável Mundo Novo* (2014), que apresenta um outro olhar sobre os avanços da humanidade. Além dos dois textos citados, usamos referências externas a fim de fomentar e complementar as discussões propostas.

O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

No ano de 1931 Aldous Huxley lançava o romance *Admirável Mundo Novo* (2014), uma das obras mais importantes do gênero da ficção científica e da literatura universal. A história do livro se passa em uma Londres do futuro no ano de 632 d.F. (depois de Ford), em que com grandes avanços da ciência e tecnologia, se construiu uma sociedade de perfeito funcionamento. Em primeiro lugar, não há mais a reprodução vivípara. A depender de sua casta, os embriões são fecundados de maneira extremamente cuidadosa e calculada, já os de castas inferiores, os Gamas, Deltas e Ípsilons, passam pelo chamado processo Bokanovsky, no qual são multiplicados e expostos a substâncias e temperaturas extremas para suportarem atividades intensas e que não demandem intelectualidade. Desta forma, com essa reprodução que acontece fora do útero, é possível realizar modificações desejadas, e assim formar humanos saudáveis, sem doenças e com controle do envelhecimento.

Depois que os bebês são decantados (termo que substitui “nascimento”), todos eles – sejam Alfas e Betas, de castas superiores, ou Gamas, Deltas e Ípsilons, inferiores – passam pelo processo de Hipnopedia e Condicionamento Clássico. O primeiro, durante determinado tempo, utiliza-se de mensagens com inúmeras repetições gravadas que são colocadas para ouvir durante o momento de sono, mensagens as quais condicionam principalmente noções de higiene, sociabilidade e consciência de classe. Já no condicionamento clássico, os indivíduos são expostos repetidamente a situações de estímulo-resposta que os façam ter aversão ou grande paixão por determinado objeto ou atividade.

Todos esses processos visam estabelecer uma ordem social, onde tudo funciona como pré-determinado, sem maiores problemas. Sem conflitos sociais, religião, fome, desemprego, solidão ou tristeza; esta última tem um grande foco no livro, pois o principal objetivo desta sociedade é a felicidade plena e constante. Ainda assim, em casos que o sujeito se sinta desconfortável em alguma situação, são distribuídas as chamadas pílulas da felicidade (os chamados “Somas”). Soma nada mais é do que uma substância, distribuída em comprimidos de meio grama, com uma função entorpecente. Quanto maior a quantidade ingerida de comprimidos, maior e mais prolongado o efeito, ao ponto

de fazer o indivíduo sair da realidade e também dormir. Em vantagem às drogas conhecidas atualmente, como mesmo o álcool que causa ressaca, o Soma não traz efeitos colaterais ao término de seu efeito.

Em contrapartida a esse cenário, há o Malpaís, descrito no livro como uma área onde as pessoas não são “civilizadas”, ou seja, ainda funcionam como sempre foi: utilizando de modo de reprodução vivípara e relações amorosas monogâmicas e duradouras (diferente da civilização Fordiana onde se usa o lema “cada um pertence a todos”).

O enredo perpassa alguns personagens principais. Bernard Marx, um Alfa-Mais que trabalha com hipnopédia, se sente deslocado por ser diferente - algum erro em seu processo de decantação o fez ser menor do que os outros pertencentes à sua casta – e precisa a todo momento se autoafirmar, se mostrar útil ou importante, muitas vezes mais do que realmente é. Ele desenvolve uma atração por Lenina, mas não consegue desconsiderar o fato dela o querer apenas porque foi condicionada a isso, a se relacionar, e não por verdadeiro interesse amoroso. Lenina, por sua vez, é o estereótipo perfeito da nova civilização. Bonita, educada, obediente, segue todas as regras e mesmo quando tem algum indício de dúvida ou incerteza, faz uso do Soma para fugir da realidade.

Bernard encontra, em uma visita a Malpaís, Linda e seu filho John, e os leva para a “vida civilizada” com o intuito de se promover ao apresentar tais “selvagens” à “sociedade”. Descobre-se que Linda já foi em outrora pertencente a cidade civilizada de Londres, mas seu filho John, nascido fora da civilização, não consegue ser bem aceito em Malpaís, o que o torna excluído de amigos e relacionamentos. Ele, que sempre ouviu histórias de sua mãe sobre a Londres civilizada, ao chegar lá, também não consegue se adaptar a vida tão vazia de sentimentos e emoções que ele costumava encontrar nos livros que lia, principalmente de Shakespeare.

É a partir desses dois últimos personagens, principalmente, que o autor aborda criticamente as noções de individualidade do sujeito, que foram

totalmente repelidas nesse formato de sociedade que visa a massificação para manter o controle e o bem estar social. A constante crítica à massificação x individualidades são temas caros ao autor, trabalhados por ele até o final de sua vida.

O REGRESSO AO ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Quase trinta anos depois da publicação de *Admirável Mundo Novo* (2014), Aldous Huxley volta para o seu mundo distópico em um trabalho de não ficção *Regresso ao Admirável Mundo Novo*, publicado em 1959, em que analisa o que de fato previu para a sociedade e as consequências desse futuro distante. Mas, logo no início do texto, o autor se diz surpreso com os avanços tecnológicos e em tão pouco tempo já estamos prestes a vivenciar esse futuro. Algo que ele não especulava nem na geração de seus netos (HUXLEY, 2000).

Huxley (2000) é firme ao apontar que o descontrole da taxa de natalidade, provocado pela ausência de políticas e planos governamentais em âmbito mundial, acabam posteriormente provocando diversos conflitos políticos, econômicos e territoriais, e conseqüentemente afastam a nossa sociedade atual da fantasia criada em *Admirável Mundo Novo* (2014). Em lugar de um bem-estar social e estabilidade de recursos naturais, o que se tem é um excesso populacional, descrito por Huxley (2000) como um pano de fundo biológico que irá atormentar a humanidade por bastante tempo.

O tema de controle da taxa de natalidade e superpopulação é bastante trabalhado em seu último romance publicado em vida, *A Ilha*, de 1962. Nele, o autor descreve uma sociedade utópica em que o controle da natalidade, ciência, uso de substâncias em prol de uma ampliação da mente humana e espiritualidade (mais precisamente ensinamentos budistas e hinduístas) andam juntas. Diferentemente de *Admirável Mundo Novo* (2014) em que a individualidade perde seu valor em prol da coletividade mecanicista, em *A Ilha* (2017), os seres humanos, ainda dotados e cientes de suas individualidades, trabalham para a manutenção e equilíbrio da sociedade como um todo. Cada qual utilizando de seus dons e de suas características intelectuais em interesse comum.

O TRANSHUMANISMO

Certamente, várias pessoas ao serem questionadas sobre os maiores avanços da humanidade, responderiam sobre os aviões, os computadores, os carros, a energia elétrica, entre outros. Mas para Huxley (1957) a maior descoberta da humanidade é a revelação do quão grande somos e poderemos ser frente à evolução. Os avanços proporcionados pelos estudos químicos, físicos e biológicos; conseguimos produzir na ciência médica hormônios e vitaminas, quimioterapia e antibióticos, o mecanismo de ação nervosa e contração muscular, além de tantas outras, trazendo enormes avanços para o funcionamento e melhoramento das capacidades orgânicas dos seres humanos.

Através dessas descobertas e avanços, o homem começou a se perceber no centro da evolução e avanço do planeta. A partir do pós-guerra, a humanidade começou a cada vez mais se sentir impelida a buscar e explorar novas possibilidades de construção e evolução de nossas vidas cotidianas. Sabemos o lado negativo do comportamento humano, como foi o nazismo. Que utilizava-se de cobaias humanas para experimentar e testar novos modos de melhorias das capacidades, mas que buscavam a destruição dos chamados inimigos da nação ariana, e com isso foram contra o avanço da humanidade. (HUXLEY, 1957).

Os trabalhos de biólogos, químicos, físicos, psicólogos, arqueólogos, antropólogos, historiadores e outros cientistas proporcionaram uma enorme quantidade de descobertas e proporcionaram grandes evoluções na humanidade. Mas ainda é pouco. O ser humano conseguiu apenas vislumbrar uma pequena parcela das suas capacidades. Tendo como responsabilidade (por ser a espécie mais evoluída) e dever, até moral, de tomar a frente e perceber, o quanto antes, as suas possibilidades inerentes (HUXLEY, 1957).

Huxley (1957) provoca os leitores com a informação de que praticamente nós já conseguimos mapear geograficamente todo o planeta, mas sequer temos

uma fração do mapeamento das capacidades inerentes à nossa espécie. “Como criar novas possibilidades para a vida comum?” O fato da raça humana ser cercada de possibilidades e questões ainda não conhecidas, que motivam sempre mais a busca por uma resposta a essa pergunta e ao espírito cada vez maior de exploração.

Fruto desse ímpeto humano pela exploração de suas capacidades, Luc Ferry (2018) aponta que estamos vivendo uma terceira revolução industrial, onde o núcleo é o chamado NBIC (N de nanotecnologias, B de biotecnologias, particularmente o sequenciamento do genoma humano, I de informática e o C de cognitivismo - a inteligência artificial). Acrescenta-se a isso mais quatro importantes movimentos da evolução: As impressoras 3D que são capazes de imprimir tecidos biológicos, a robótica (especialmente os robôs da Boston Dynamic, pertencente à Google), as pesquisas induzidas sobre células-tronco, e, por fim, a crescente hibridação homem-máquina.

Mas será que a população como um todo está a par das novas possibilidades de evolução e existência humana? Huxley (1957) sinaliza que existe uma inquietação mundial acreditando nesta nova crença: a evolução. Pessoas que percebem um futuro onde doenças e falta de recursos tecnológicos não mais existirão. Um futuro onde o padrão de vida mental e material será elevado em um nível jamais pensado. E só existe uma única via para esse futuro: a ciência.

A partir do instante em que a crença na ciência se tornar um patrimônio comum a todos os seres humanos, emergirá concretamente uma nova possibilidade de mudança radical. Só então as pessoas vão se questionar sobre a sua atual situação de existência. E dessa forma emergirá um desejo pautado que a vida pode ser muito maior, em que ninguém será privado de uma verdadeira satisfação vital, ou condenado a um nível abaixo do padrão. Porém, o avanço começará de uma forma desagradável para uma grande parcela da população global, visto que para se avançar, é necessário destruir ideias e instituições que atrapalhem o desenvolvimento do pensamento científico, no qual privam e até negam as novas possibilidades científicas de avanço. O destino

humano então começará através da superação de ideias que limitam as nossas capacidades intelectuais. (HUXLEY, 1957).

Desde os primórdios a humanidade é afetada e conseqüentemente sofre pela miséria de uma forma ou de outra. Seja ela a fome, o excesso de trabalho, a opressão, a crueldade e as doenças. E nós tentamos de diversas maneiras aliviar isso por meio de esperanças e ideais, muitas vezes pautados em ideais religiosos. Huxley (1957) afirma que esses ideais são muitas vezes injustificados e ineficazes, sendo falhos em corresponder com a realidade que está posta para nós. A exploração de técnicas por parte da ciência fará com que as nossas esperanças racionais ganhem forma, e irá definir nossos ideais dentro da estrutura da realidade, mostrando o quanto delas são realizáveis e possíveis de atingir.

A vida humana através da história nos mostra o quanto somos enraizados na ignorância, que não nos permite avançar em um destino real. É necessário transcender em um estado de existência pautado na iluminação de conhecimento e compreensão. O nosso controle da natureza através do conhecimento científico transcende e permanecerá transcendendo cada vez mais os nossos antepassados, enraizados por crenças e superstições. A discussão transhumanista se baseia na humanidade transcender em si mesma, cada um com sua particularidade, mas mantendo um objetivo em comum como seres humanos. Homem continuando homem, transcendendo a si pela percepção de um futuro cientificamente realizável. Em que finalmente poderemos cumprir o nosso real destino: a responsabilidade que temos na evolução. (HUXLEY, 1957).

TRANSCENDER OU VOLTAR AO ADMIRÁVEL MUNDO NOVO?

O filósofo e humanista francês Montaigne foi um dos primeiros intelectuais a se questionar sobre a experiência humana e as suas formas de existência. A partir da leitura de diversos livros que contam relatos e experiências sobre a conquista do Novo Mundo, e até mesmo tendo a experiência real de conversar (mediante um intérprete) com um nativo brasileiro. A junção de leituras,

conversas com pessoas que viveram no Brasil e o encontro com alguns índios brasileiros, trouxeram-no a oportunidade de escrever e propagar para a Europa da época (Séc XVI) o que seria a vida brasileira. (D'AGORD *et al.*, 2020).

Dessa experiência com os nativos brasileiros, Montaigne, como nos diz D'AGORD *et al.* (2020) ajudou a construir o pensamento humanista do Séc XVI, provocando discussões e questionamentos sobre a forma de se viver civilizada européia e a do chamado “bom selvagem”, considerados mais próximos da natureza por possuir características sociais como: conquistas de mulheres a partir de sua valentia frente a tribo, corajosos na guerra, canibalismo, nudez, poligamia e etc. Então como seria viver uma boa vida mediante essa nova descoberta de possibilidades de se existir? Montaigne contribuiu com essa pergunta ao escrever sobre um Velho Mundo e Novo Mundo recém descoberto. Levando para a pauta temas como envelhecimento, dores e a preparação para a morte iminente.

Julian Huxley acreditava em um mundo onde a religião seria substituída pela ciência, e o eugenismo seria fundamental. Um Novo Mundo, onde a sombra da ignorância daria lugar às maravilhas que a ciência e o evolucionismo poderiam proporcionar. Um Admirável Mundo Novo, onde Aldous Huxley o antecede e alude aos antigos:

Um mundo admirável, o mundo dos navios e das caravelas, das bússolas, dos cavalos e dos canhões, o mundo europeu elegante de onde chegam esses homens que desembarcam na ilha do exílio de Miranda, na Tempestade de Shakespeare. Esses homens maravilhosos que desembarcam na África e no Caribe. Mas também esse admirável mundo novo que Montaigne antevê, um Novo Mundo livre do peso da antiguidade da Europa, do qual pode emergir um novo homem, distinto daquele que vive “mergulhado numa sociedade como a francesa, fortemente convencionada, traço ainda mais saliente naquele universo social que se localiza entre a alta burguesia e a aristocracia, justo naquele universo frequentado pelo autor”, no caso, Montesquieu. O mundo novo também é título do livro de Aldous Huxley, que glosa Shakespeare e Montesquieu para sonhar um futuro ordenado pela Biotecnologia e pelo Behaviorismo: Admirável mundo novo, publicado em 1932. (D'AGORD *et al.*, 2020, p. 219).

Em *A ilha* (2017) e em *Admirável mundo novo* (2014), Aldous traz referências da peça *A tempestade* (2014), de William Shakespeare. Na peça, o duque de Milão, Próspero, tem seu ducado usurpado pelo irmão Antônio. Próspero é abandonado à própria sorte junto de sua filha Miranda, ainda muito nova. Em um navio deplorável, eles chegam em uma ilha onde passam a viver juntos a criaturas estranhas e místicas, como Calibã, um selvagem disforme e Ariel, um espírito, ambos se tornando seus subordinados.

Com ajuda de Ariel, Próspero ordena uma tempestade para fazer naufragar na ilha a embarcação com seu irmão e alguns outros nobres, como o rei de Nápoles, Alonso, e seu filho Ferdinando. Miranda, acostumada com os poucos seres da ilha de fisionomia estranha, fica admirada com a aparência de Ferdinando, além dos outros integrantes da embarcação que ficaram náufragos na ilha. Em determinado trecho da peça, surpresa com os novos rostos desconhecidos, Miranda exclama: “Oh! Que milagre! Que soberbas criaturas aqui vieram! Como os homens são belos! Admirável mundo novo que tem tais habitantes!”. (SHAKESPEARE, 2014, p.197). John, o selvagem em *Admirável Mundo Novo*, habitante de uma ilha isolada do resto do mundo, no momento em que avista as pessoas civilizadas de Londres, remete a personagem Miranda, em Shakespeare. Uma referência pontual, mas que possui um aporte referencial enorme para o título e enredo do livro.

Uma sociedade perfeita traz estabilidade, sem crime, violência, doenças, problemas sociais, econômicos. A humanidade tem a capacidade de superar tais conflitos prejudiciais por uma evolução constante, em pleno funcionamento, com a prosperidade da vida sem mazelas. Esse é um dos pensamentos de Julian quando se refere ao transhumanismo, do ser humano continuar humano, porém minimizando ou até superando tais problemáticas da sociedade atual através do conhecimento científico que já possuímos atualmente e que está em constante evolução. (HUXLEY, 1957).

Tal questão pode ser observada no livro *Admirável mundo novo* (2014), no modelo de fecundação planejado e um processo de decantação onde cada grupo de embriões passa por procedimentos que lhe darão características específicas ao seu grupo social pré-determinado. Dessa forma, com

modificações e manipulações genéticas, se inibe quaisquer defeitos que esses seres possam vir a ter futuramente, como doenças, formando assim humanos perfeitos. A espécie humana, diz Huxley (1957) ao transcender a si mesma, poderá superar o modelo atual de existência insegura e instável, conseguindo alcançar um nível de evolução onde circunstâncias insignificantes não poderão causar grandes adversidades.

Além disso, todo o condicionamento recebido pelos indivíduos faz com que não se tenham dúvidas e questionamentos sobre sua classe e seu papel na sociedade, o que evita, entre outras coisas, conflitos políticos que poderiam gerar problemas maiores, como guerras e mortes. Ainda assim, caso o sujeito sinta a necessidade de controle de si, por sentimentos desconhecidos ou de alguma angústia, o uso de drogas cuidadosamente elaboradas e moderadamente distribuídas abrandam essa situação. Como abordado por Huxley (1957), em uma sociedade transhumanista torna-se fácil repelir limitações e miseráveis frustrações que hoje são comuns na humanidade.

Mas até que ponto a transcendência do humano traria benefícios? Para Aldous (2000) essa pergunta remonta a uma questão crucial: a importância da individualidade e o convívio harmonioso com a natureza. O admirável mundo novo faz alusão a esse mundo harmonioso, um mundo onde os humanos são e precisam da natureza para um equilíbrio. Porém, Julian (1957) vai além, ao quebrar com a evolução darwinista, o biólogo propõe uma nova humanidade, em que a natureza não será mais necessária para o desenvolvimento e paz do homem. Ele é o único responsável por esse passo adiante na história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços tecnológicos que cada vez mais contribuem para a melhoria da saúde humana, com descobrimentos de curas ou tratamentos para doenças antes tidas como sem correção e manipulação de novas medicações para aprimoramento do indivíduo são avanços, que para Julian Huxley (1957), é muito pouco comparado às potencialidades da raça humana, que pode e muito avançar para uma existência livre de problemas como a fome e a miséria que ainda nos assolam como sociedade.

Com toda a tecnologia adquirida até o momento, é possível pensar no desenvolvimento físico e psíquico do ser humano a um ponto em que suas energias possam ser voltadas para questões maiores, de natureza científica, e não problemas existentes nos dias atuais, como criminalidade, violência, guerras, pobreza e outros, que podem ser facilmente superados a partir das explorações das capacidades humanas.

Julian Huxley aposta em um projeto para a humanidade em que a ciência seria fundamental e responsável pelo progresso e melhoramento das capacidades humanas. A ciência atrelada a educação e cultura, trariam desenvolvimentos nunca antes vistos pela humanidade. Luc Ferry (2018) aponta que esse projeto vem para substituir a medicina tradicional, que visava a cura por meio de técnicas regenerativas, para uma medicina que trabalhe com o melhoramento. O aperfeiçoamento das capacidades cognitivas, fisiológicas, tecnológicas e de temas como o retardamento do envelhecimento e a batalha contra a morte, está sendo amplamente discutido, testado e realizado pelas maiores empresas biotecnológicas e as maiores mentes do planeta.

O livro *Admirável Mundo Novo* (2014) apresenta uma sociedade em que a biotecnologia comanda toda a estrutura e funcionamento social. O autor descreve uma cidade, Londres, no futuro, com população totalmente planejada, criada e modificada em laboratório e com natalidade controlada. Uma cidade com funcionamento perfeito, onde seus habitantes são condicionados a viver em harmonia uns com os outros, atendendo às expectativas de sua predestinação social. Sendo divididos em castas, que vão da inferior, Ípsilons, à superior, Alfas Mais, cada um tem um papel social a ser desenvolvido, e o realizam sem contestar, pelo contrário, se sentem felizes e realizados ao cumprirem suas tarefas.

Aldous Huxley apresenta um ponto de vista diferente de seu irmão, logicamente que o avanço das tecnologias traz e trará imensos benefícios à raça humana, porém o avanço não pode ser atrelado a massificação, como ocorre em ditaduras que até hoje perduram no mundo. Um outro ponto importante em seus livros é a defesa constante das individualidades humanas, junto ao controle da taxa de natalidade. O controle como um projeto de sociedade. Um futuro em

que o humano superará todas as barreiras que o impedem de avançar para a transcendência de suas capacidades, para Aldous (2000) não pode deixar de lado a individualidade em prol de uma civilização com pensamento e ações uniformes. A ciência é a base para um bom funcionamento social, onde medidas testadas e comprovadas garantem uma eficácia cada vez maior, mas é preciso cuidado: a tecnologia não pode ultrapassar a harmonia natural do universo, composta pela diversidade da fauna e da flora, coexistindo em perfeita sintonia.

Um diálogo entre o projeto transhumanista de Julian e a sociedade biotecnológica pensada por Aldous em *Admirável Mundo Novo* (2014) é possível, mas com ressalvas importantes. Julian Huxley (1957) projeta uma sociedade em que as amarras da evolução “natural” serão quebradas pelo avanço das potencialidades humanas. Aldous Huxley (2014) projeta uma sociedade moldada pela biotecnologia e práticas da psicologia comportamental em seu livro, e, ao mesmo tempo, traz discussões sobre o preço pago neste futuro distópico. A questão da humanidade transcender em si mesma ou voltar ao admirável mundo novo de referências shakespearianas é central na diferença entre as visões futuras de sociedade dos irmãos Huxley.

REFERÊNCIAS

D'AGORD *et al.* Das utopias políticas às distopias contemporâneas. Em: DANZIATO *et al* (ORGS.). **Cisões e paradoxos na política brasileira: Efeitos para o sujeito**. CURITIBA: APPRIS, 2020, p.217-236.

FERRY, L. **A revolução transumanista**. Barueri, SP: Manole, 2018.

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. 22^a Ed, São Paulo: Globo, 2014.

HUXLEY, A. **A ilha**. 3^a Ed, São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

HUXLEY, A. **Regresso ao admirável mundo novo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

HUXLEY, J. **New Bottles for New Wine**. Londres: Chatto & Windus, 1957.

LANG, C. E. Clínica, Neoliberalismo e Transhumanismo. Em: LANG, C. E. et al. (ORGS.). **Clínicas: Pesquisa em saúde, Psicanálise e Práticas Psicológicas**. Maceió: EDUFAL, 2017, p. 79-106.

PROSE, F. **Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RÜDIGER, F. **Cibercultura e Pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SHAKESPEARE. W. **A tempestade**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.